

**Cerimônia de entrega da Medalha Armando Salles de
Oliveira – Universidade de São Paulo**

São Paulo, 1º/10/2021

Boa tarde a todas e a todos!

Cumprimento o professor **Vahan Agopyan**, Reitor da Universidade de São Paulo, e o Vice-reitor, professor **Antonio Carlos Hernandes**.

Saúdo também o Secretário-geral da USP, professor **Pedro Vitoriano de Oliveira** e o Diretor da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, querido amigo professor **Floriano Peixoto de Azevedo Marques Netto**.

Cumprimento o Procurador-geral e Superintendente de Relações Institucionais da Universidade, professor **Ignácio Maria Poveda Velasco**, bem como o professor **Otavio Luiz Rodrigues Junior**, docente da Faculdade de Direito e Conselheiro do Conselho Nacional do Ministério Público.

Inicialmente, agradeço à querida USP por esta tão honrosa homenagem, que leva o nome do governador de São Paulo, Armando de Salles Oliveira.

Armando de Salles Oliveira teve uma exitosa trajetória como engenheiro e empresário, antes de ingressar na vida pública. Casado com Raquel de Mesquita, filha de Júlio de Mesquita, dono do jornal O Estado de São Paulo, teve de assumir a presidência da sociedade anônima proprietária do jornal em 1927, em razão da morte do sogro.

Chegou a assumir a direção do jornal por um ano após o desfecho da Revolução Constitucionalista, em razão do exílio do diretor do jornal, seu cunhado Júlio de Mesquita Filho.

Nomeado por Getúlio Vargas para o cargo de interventor no governo de São Paulo e, na sequência, eleito governador, Armando de Salles Oliveira reconstruiu a estrutura administrativa do governo estadual e, em 1934, criou a Universidade de São Paulo.

A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, criada ainda no Império por Dom Pedro I, em 11 de agosto de 1827, foi a primeira faculdade a ser incorporada à USP, ainda em 1934.

Faço esse registro inicial para falar de meu orgulho e minha alegria em receber esta homenagem, que muito me sensibiliza, por partir da USP, minha querida *alma mater*.

Aqui fui tão bem acolhido no saudoso tempo em que cheguei de Marília, em 1986, para iniciar meu curso nas Arcadas, a velha e sempre nova academia!

Hoje, é inútil resistir a uma certa dose de nostalgia.

A nostalgia é inevitável diante do que a Faculdade do Largo do São Francisco e a USP representaram e representam, ainda hoje, em minha vida e na vida de cada um dos privilegiados que por aqui passaram.

Minha formação humanística e jurídica, que tem nas Arcadas e em seus mestres uma referência para toda a vida, é tributária das muitas reflexões que aqui ouvi como estudante – sobre o Direito, sobre o Brasil, sobre a história e sobre a vida – de mestres do calibre de Celso Lafer, Tércio Ferraz, Eros Grau, Ricardo Lewandowski.

Trago comigo os ensinamentos e as marcas indelévels dessas experiências, assim como as amizades construídas a partir desse período com os mestres e com os colegas de turma e do Centro Acadêmico XI de Agosto.

Colegas de horas de estudos, de estágios, parceiros no convívio social, no centro acadêmico, nas horas de celebração e de conversas sobre aquele Brasil em plena consolidação democrática que acabávamos de herdar da geração que lutou pela redemocratização do País.

Vários desses parceiros tornaram-se amigos de toda a vida, e noto, com satisfação, a presença de alguns deles aqui para compartilharmos a alegria desta homenagem.

Desses tempos, também tive o privilégio de reencontrar, na bancada do Supremo Tribunal Federal, os queridos professores Eros Grau e Ricardo Lewandowski, além de meu colega de turma Alexandre de Moraes.

É inegável o papel central da USP como um todo, e das Arcadas, em particular, ao longo de seus quase dois séculos de história, como espaços privilegiados de reflexão e de debates sobre a vida brasileira, bem como de formação de líderes ao longo de gerações.

Sua importância como *locus* de formação e de reflexão foi realçada em momentos cruciais para a História do Brasil, com destaque para a promoção e a defesa da liberdade e da democracia.

Como não lembrar da relevância do professor Goffredo da Silva Telles, quando leu, em 1977, no pátio da Faculdade de Direito, o manifesto em defesa da democracia *Carta aos Brasileiros*, considerado um dos impulsos iniciais para a redemocratização.

A formação na USP despertou e moldou minha vocação para a vida pública e meu compromisso intransigente com a defesa das instituições e da democracia.

Vocação que foi estimulada pelo convívio em plena liberdade nas Arcadas naquele período de grande mudança no Brasil, o qual nos legou a Constituição Cidadã de 1988.

Caras professoras e professores,

Caras amigas e amigos,

Em tempos de desinformação e de afronta às instituições democráticas que marcam os últimos anos no Brasil e no mundo, torna-se ainda mais relevante o papel das universidades.

A universidade é, por excelência, o ambiente onde convivem as mais diversas formas de pensar, criar,

aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.

O Poder Judiciário, em especial o Supremo Tribunal Federal, tem honrado sua história centenária e atuado com altivez para assegurar a autonomia e a independência das universidades brasileiras, bem como a livre manifestação do pensamento e das ideias, pilares sobre os quais se apoia o próprio Estado Democrático de Direito.

Como não lembrar da decisão da Corte, proferida por unanimidade, na ADPF 548, em meio ao pleito eleitoral de 2018, que garantiu a livre manifestação de pensamento nas universidades, suspendendo decisões que determinavam busca e apreensão nessas instituições.

Não se trata de mera coincidência, nos dias de hoje, que o Judiciário, a academia e a mídia estejam entre os alvos prioritários de campanhas de intolerância e desprestígio, promovidas por movimentos de inspiração antidemocrática.

Não surpreende que eles sejam as vítimas preferenciais de arbitrariedades e tentativas de intimidação por parte de líderes autoritários contemporâneos, em suas ofensivas

contra os clássicos mecanismos de freios e contrapesos dos regimes democráticos.

No prefácio à obra de Hannah Arendt **Entre o passado e o futuro**, escrito em 1972, o professor Celso Lafer já propunha, no contexto da sociedade de massas, o necessário debate sobre a natureza essencialmente dialógica da política e sobre questões fundamentais como a liberdade, a verdade factual e o próprio conceito de autoridade.

Ao citar, há quase 50 anos, recursos de manipulação política como o de reescrever a História, o professor Lafer salientava a importância de mecanismos sociais de defesa contra essas ameaças (abro aspas):

“Daí a importância de alguns mecanismos de defesa da verdade factual, criados pelas sociedades modernas, fora do seu sistema político, mas indispensáveis para a sua sobrevivência, **como a universidade autônoma e o judiciário independente.**”

Fecho aspas.

Sábias e proféticas palavras as do professor Lafer. A universidade autônoma e o Judiciário continuam a estar, ainda hoje, na linha de frente da defesa da verdade factual.

Hannah Arendt, por sua vez, citava, em uma entrevista concedida em 1973, a **imprensa livre como o terceiro elemento fundamental em defesa da verdade factual.**

Um episódio relatado pela jornalista Lesley Stahl, do programa de TV *60 Minutes*, da rede norte-americana CBS, e não desmentido por Donald Trump ajuda a compreender a demonização da mídia como estratégia política nesta era da pós-verdade.

Segundo Stahl, em uma conversa privada com o então candidato presidencial Trump, em 2016, ela o questionou sobre a retórica agressiva contra meios de comunicação adotada sistematicamente por ele. Recebeu a seguinte resposta:

“Sabe a razão de eu fazer isso? Faço isso para desacreditar todos vocês, para humilhar todos vocês, para que ninguém acredite quando

vocês escreverem matérias negativas a meu respeito.”

Naquela entrevista de 1973, Hannah Arendt já alertava:

“Se todo mundo sempre mentir para você, a consequência não é que você vai acreditar em mentiras, mas sobretudo que ninguém passe a acreditar mais em nada.”

Explicam-se, assim, os ataques dos propagandistas da desinformação à academia, à imprensa profissional e ao Judiciário: eles estão na linha de frente da defesa da verdade factual!

Às brasileiras e brasileiros que atuam na Justiça, no ensino e na pesquisa, dedico uma palavra de reconhecimento: não é fácil enfrentar as “tempestades de indignação” promovidas na internet pelos inimigos da democracia e da verdade factual.

Não é fácil enfrentar a tempestade orquestrada de desinformação. Mas é essencial que as instituições democráticas o façam.

Por isso, a atuação firme do STF diante das notícias fraudulentas e das orquestrações antidemocráticas é hoje plenamente compreendida pela ampla maioria da população brasileira.

Na trágica história dos fenômenos totalitários do século XX, há exemplos dramáticos dos efeitos danosos da desinformação e das campanhas de ódio, inclusive genocídios respaldados por multidões fanatizadas.

Nos dias atuais, o terraplanismo é o exemplo mais folclórico dessa tendência, e a resistência a vacinas, incluídas aquelas contra a COVID-19, o mais letal.

Senhoras e senhores,

Essa mesma ciência que é alvo de ataques, tem sua relevância para a humanidade evidenciada pela grave crise de saúde que estamos vivendo com a pandemia da COVID-19.

O Supremo Tribunal Federal, desde os primeiros julgados no início da pandemia, tem reafirmado a necessidade de que as políticas públicas de enfrentamento à crise sanitária e a seus reflexos econômicos e sociais estejam embasadas em informações técnicas e em evidências científicas.

Mais do que nunca, a pluralidade, a liberdade, o intercâmbio e o confronto de ideias e o rigor científico, que marcam a vida universitária, são elementos indispensáveis.

Com liberdade, a academia construiu, ao longo da história, boa parte do acervo de conhecimentos à disposição da humanidade.

Os avanços nas pesquisas para tratamento da COVID-19 e para o desenvolvimento e a produção de vacinas em tempo recorde falam por si.

Finalizo, portanto, enaltecendo e agradecendo os médicos, os profissionais de saúde, os pesquisadores e os cientistas brasileiros que, com muito trabalho, dedicação e originalidade, nos municiam com os estudos necessários ao combate da atual pandemia.

Com a ciência, faremos frente às ameaças globais que se apresentam à humanidade.

Como diz o lema da USP: *Scientia vinces!* Vencerás pela ciência!

Muito obrigado!